

Publicação da Convenção Batista Brasileira dirigida a educadores religiosos, professores de EBD, estudantes e líderes em geral

Copyright @ Convicção Editora  
Todos os direitos reservados  
Proibida a reprodução deste texto total ou parcial por quaisquer meios (mecânicos, eletrônicos, fotográficos, gravação, estocagem em banco de dados etc.) a não ser em breves citações, com explícita informação da fonte

CNPJ (MF): 39.056.627/0001-38  
Registro Nº 020830 no INPI

**Endereços**

Telegráfico – BATISTAS  
Caixa Postal: 13333  
Rio de Janeiro, RJ – CEP: 20270-972

**Editor**

Sócrates Oliveira de Souza

**Coordenadora Editorial**

Solange Cardoso de Abreu d'Almeida  
(RP/16897)

**Redatora**

Jane Esther Monteiro de Souza  
de Paula Rosa

**Produção Editorial**

Oliverartelucas

**Produção e Distribuição****Convicção Editora**

Tel.: (21) 2157-5567  
Rua José Higino, 416 – Prédio 16  
Sala 2 – 1º Andar – Tijuca  
Rio de Janeiro, RJ  
CEP 20510-412  
falecom@convicaoeditora.com.br

**Colaboradores desta edição**

Cloves Freitas Costa – RJ  
Danielle Viana de O. de Souza – RJ  
Diná Freire Cutrim – MA  
Elana Costa Ramiro – SP  
Eliszangela Santos de Oliveira – PI  
Irineu Bovo Júnior – PR  
Izia Barbosa Brito de Araújo – PE  
Jane Esther M. S. de Paula Rosa – RJ  
Maria da Glória Lima Leonardo – RJ  
Olga Alice G. Nichio de M. Santos – SP  
Rosane Andrade Torquato – PR  
Senhorinha Gervásio L. Bragança – MG  
Tânia Ferreira da Silva – MS



# Obreiro que não tem de que se envergonhar

Chegamos ao último período desse ano. Até aqui o Senhor nos tem dado vida e saúde para prosseguirmos. O tema deste ano da CBB é “Proclamemos a verdade ao mundo. A divisa: “Procura apresentar-te a Deus aprovado, como obreiro que não tem de que se envergonhar, que maneja bem a palavra da verdade” (2Tm 2.15).

Este mundo está cheio de problemas e dificuldades. Cada um tem a própria porção de fardo para carregar, mas eles ficam mais difíceis quando ignoramos o que precisamos saber da Palavra de Deus. A lista é longa. Por isso, cultivar o hábito de estudar a Bíblia é indispensável. Então, pare e responda: Você já leu toda a Bíblia quantas vezes? Quanto tempo você reserva para ler a Palavra de Deus, diariamente? Você sabia que em 72 horas uma pessoa consegue ler toda a Bíblia? Se reservarmos 30 minutos diários para a leitura da Palavra de Deus, em um ano teremos dedicado cerca de 180h de leitura devocional! Se assim agirmos, leremos a Bíblia duas vezes no ano, se dispusermos de apenas meia hora por dia. Basta ter disciplina.

Quando mais consagrarmos tempo ao estudo da Bíblia e aprendermos a conhecer Deus mediante a beleza de suas obras, seremos obreiros de valor que maneja bem a palavra da verdade e não teremos de que nos envergonhar.

Nesta edição, a prof<sup>a</sup>. Elana Costa Ramiro, que assumiu a Direção Executiva da Ordem dos Educadores Cristãos Batistas do Brasil, nos dá uma entrevista falando um pouco sobre a migração de Associação para Ordem e enfatiza: **“Educação cristã: o futuro começa agora”**.

No artigo **“Eu sou um educador cristão, e agora?”**, a prof<sup>a</sup>. Diná Freire Cutrim diz que todo educador cristão precisa beber na fonte espiritual das Escrituras Sagradas, nenhum ministério educacional se sustenta se não pressupor a Palavra de Deus.

A prof<sup>a</sup>. Maria da Glória Lima Leonardo, no artigo **“Amizade – uma ferramenta da educação cristã”**, fala que a maior declaração de amizade que podemos demonstrar é levar os nossos amigos a Jesus.

No artigo **“A complexidade sistêmica e redentora do discipulado de Jesus”**, o pr. Irineu Bovo Júnior enfatiza que o cristão verdadeiro jamais foge da responsabilidade da pregação do evangelho.

Nos demais artigos, refletiremos sobre a Bíblia, a Palavra de Deus, além das Sugestões de Livros, do Educador em Destaque, Vale a Pena LER de Novo e de muitas novidades e informações que, por certo, serão bênçãos para todos nós.

# ÍNDICE

|    |  |
|----|--|
| 1  | <b>Expediente e editorial</b><br><b>Obreiro que não tem de que se envergonhar</b><br><i>Jane Esther Monteiro de Souza de Paula Rosa – RJ</i>             |
| 2  | <b>Índice</b>  |
| 3  | <b>Entrevista</b><br><b>Educação cristã: o futuro começa agora</b><br><i>Elana Costa Ramiro – SP</i>   |
| 7  | <b>Resenha</b><br><b>Pedagogia cristã: como praticar a fé em sala de aula</b><br><i>Olga Alice Guerrero Nichio de Moraes Santos – SP</i>                 |
| 10 | <b>Educação Geral</b><br><b>O processo ensino-aprendizagem – Como acontece?</b><br><i>Tânia Ferreira da Silva – MS</i>                                   |
| 15 | <b>Educação Teológica</b><br><b>A complexidade sistêmica e redentora do discipulado de Jesus</b><br><i>Irineu Bovo Júnior – PR</i>                       |
| 19 | <b>Educação Cristã</b><br><b>Eu sou um educador cristão, e agora?</b><br><i>Diná Freire Cutrim – MA</i>  |
| 21 | <b>Educação Cristã</b><br><b>Metodologias ativas na Escola Bíblica: a técnica da aula invertida</b><br><i>Senhorinha Gervásio Lourenço Bragança – MG</i> |
| 22 | <b>Educação Cristã</b><br><b>Jesus, o maior objetivo para ensinar</b><br><i>Elisangela Santos de Oliveira - PI</i>                                       |
| 23 | <b>Educação Cristã</b><br><b>Amizade – uma ferramenta da educação cristã</b><br><i>Maria da Glória Lima Leonardo – RJ</i>                                |
| 26 | <b>Da Mesa da Redação</b>  |
| 27 | <b>Educador em Destaque</b><br><i>Izia Barbosa Brito de Araújo – PE</i>  |
| 28 | <b>Para Pensar</b><br><b>Ressignificando o nosso entendimento por meio da leitura bíblica</b><br><i>Danielle Viana de Oliveira de Souza – RJ</i>         |
| 29 | <b>Vale a pena LER de novo</b><br><b>A (des)construção da família: Desafios para a educação cristã</b><br><i>Rosane Andrade Torquato – PR</i>            |
| 31 | <b>Sugestão de Livros</b><br>1. O que fazer? – Autor: <i>Lécio Dornas</i><br>2. Os dons do Espírito Santo – Autor: <i>Isaías Andrade Lins Filho</i>      |
| 32 | <b>Última Palavra</b><br><b>A prática da bondade na nova vida em Cristo</b><br><i>Cloves Freitas Costa – RJ</i>  |



Entrevista



Educação Geral



Educação Teológica



Educação cristã



Vale a pena ler de novo

# Educação cristã

## O futuro começa agora

No dia 17 de janeiro de 2023, a Associação dos Educadores Cristãos Batistas do Brasil migrou para a Ordem dos Educadores Cristãos Batistas do Brasil. Convidamos Elana Costa Ramiro, que assumiu a Direção Executiva da novel organização, para falar um pouco sobre esta trajetória até hoje.



**Revista Educador** – Como surgiu a ideia de ser uma Ordem?

**Prof<sup>a</sup>. Elana** – Em 2020, a AECBB sentiu necessidade de fazer uma reforma estatutária para alinhamento da gestão. Durante o trabalho da comissão, o advogado que estava nos auxiliando convocou a diretoria para uma reunião e falou que a estrutura de uma associação não era adequada para a nossa organização e que precisávamos organizar uma ordem. A sua orientação estava baseada no fato que somos uma organização de classe e de caráter federativo e as associações são mais adequadas para grupos menores e locais.

Na época, a palavra dele deixou a todos em estado de choque e consideramos que era um passo grande demais e que não estávamos preparados para uma mudança desta natureza. Nós imaginávamos que isso poderia acontecer, porém, não sabíamos que seria tão rápido. Após 18 meses, a associação estava em outra situação de estru-

tura e organização, já tínhamos um sistema de gestão implantado e funcionando perfeitamente, algum recurso financeiro e estávamos em franco crescimento de filiados.

O assunto, que parecia ter ficado adormecido, voltou à discussão depois que a associação do Piauí informou que estava pronta para tornar-se pessoa jurídica independente. Paralelamente, o estado do Tocantins reformou seu estatuto e incluiu, em sua estrutura, uma seção da AECBB, entretanto, nós não tínhamos seções naquela época. Estes dois eventos trouxeram o assunto novamente à discussão, só que com mais força.

Neste ponto, decidimos chamar o pr. Daniel Ventura, executivo da Ordem dos pastores, para uma conversa de orientação. Ele tornou-se rapidamente um entusiasta da ideia e nos ofereceu total incentivo para fazermos a migração antes que as associações estaduais comessem a criar autonomia, o que dificultaria o processo mais adiante.

**Revista Educador** – Por que houve a mudança?

**Prof<sup>a</sup>. Elana** – A mudança aconteceu pelo fato de que tanto a Associação quanto a Ordem possuem personalidade jurídica de organização religiosa, o que difere uma da outra é o caráter federativo. A AECBB tinha uma estrutura federativa, entretanto, não havia como organizar todas as associações estaduais debaixo dela, pois a legislação de associações não permite. Não havia nenhum tipo de vinculação das associações estaduais com a AECBB, havia apenas cooperação e re-

TANTO A ASSOCIAÇÃO QUANTO A ORDEM POSSUEM PERSONALIDADE JURÍDICA DE ORGANIZAÇÃO RELIGIOSA, O QUE DIFERE UMA DA OUTRA É O CARÁTER FEDERATIVO



apresentação no conselho administrativo.

As mudanças estatutárias foram pequenas, pois as duas organizações (associação e ordem) são similares do ponto de vista jurídico e não houve mudança nas finalidades. As maiores mudanças foram nos seguintes aspectos:

**Organização** – A OECBB funciona como uma matriz para apoiar o desenvolvimento das suas diversas seções. Todas as seções são regidas por um único estatuto, criando uma unidade de objetivos e ações estratégicas para fortalecer os educadores cristãos batistas no Brasil. Todas as seções utilizam o sistema de gestão da OECBB, com unificação de dados, rela-

tórios de filiados, documentação, gestão de carteirinhas etc.

**Gestão** – Neste modelo, o pagamento das anuidades é único e elimina a concorrência entre as associações estaduais e a nacional. As seções recebem o repasse de 30% das anuidades pagas pelos seus filiados e ainda podem ter CNPJ de filial da OECBB, sem precisar arcar com os custos altos de um CNPJ independente. A contabilidade também é feita pela matriz e isso elimina gastos contábeis sobrepostos e facilita a gestão financeira.

**Admissão** – Esta parte é a que mais teve mudanças, pois, com a migração, a OECBB passa a ser um órgão de classe e, agora, apenas pessoas com diploma de Educação Cristã podem ingressar. Além das normas de ingresso, a OECBB possui um código de ética que rege a entrada e permanência dos filiados em seu rol.

**Revista Educador** – Quando começou o processo de transição e como ele ocorreu?

**Prof<sup>a</sup>. Elana** – O processo iniciou oficialmente quando a Assembleia da AECBB, em 2022,

em Vitória, ES, autorizou o pedido da diretoria para realizar um estudo de viabilidade de migração. O estudo, preparado pela diretoria, foi apresentado ao Conselho deliberativo em 26 de abril de 2022 e este decidiu encaminhar o assunto para uma Assembleia extraordinária que foi convocada para o dia 28 de maio de 2022. Entre a reunião do Conselho e a Assembleia, o estudo de viabilidade foi apreciado pela Comissão jurídica do Conselho Geral da CBB e teve parecer favorável para a sua continuidade.

No dia 28 de maio de 2022, a assembleia extraordinária aprovou a continuidade do processo de migração e foram nomeadas duas comissões para prepararem a documentação: comissão de revisão do estatuto e elaboração do regimento interno, comissão de elaboração do código de ética e normas de ingresso.

Os documentos ficaram prontos e foram colocados em consulta pública a partir do dia 15 de outubro. Foi convocada uma assembleia deliberativa para o dia 17 de novembro, que aconteceu em duas seções – uma para o estatuto e outra para o regimento interno. Nas delibe-

**TODAS AS SEÇÕES SÃO REGIDAS POR UM ÚNICO ESTATUTO, CRIANDO UMA UNIDADE DE OBJETIVOS E AÇÕES ESTRATÉGICAS PARA FORTALECER OS EDUCADORES CRISTÃOS BATISTAS NO BRASIL**

rativas, tiramos as dúvidas, fizemos a discussão e alterações necessárias no texto. Também, foram realizadas três reuniões remotas com as diretorias das associações estaduais para tirar dúvidas e amadurecer as equipes para a tomada de decisão.

Durante esse processo, a comissão jurídica do Conselho Geral da CBB foi novamente acionado para emitir parecer sobre o texto final do estatuto, uma vez que ele seguiria para homologação pela sua Assembleia geral. Novamente, o parecer foi favorável.

Finalmente, no dia 17 de janeiro de 2023, a Assembleia Anual da AECBB votou por unanimidade a mudança num clima de entusiasmo e celebração. Foi realmente uma emoção coletiva. Logo após a aprovação, foi convocada a eleição da primeira diretoria da OECBB que ficou constituída da seguinte forma:

Presidente: Márcia Fernandes Kopanyshyn (RJ/CA)

Primeira vice-presidente: Laudicéa Cordeiro de Pina (MS)

Segunda vice-presidente: Eva Souza da Silva Evangelista (RJ/FLU)

Primeira secretária: Luciene Costa Santos Freitas (BA)

Segunda secretária: Vanessa Ramos do Nascimento (PE)

**Revista Educador** – O que significou para a Associação?

**Prof<sup>a</sup>. Elana** – A migração para ordem foi visivelmente uma ação de Deus que marcou a história dos educadores cristãos batistas do Brasil. A maneira como o processo aconteceu, o tempo e o cenário denominacional convergiram para a decisão. A ordem é apenas uma parte do grande movimento que Deus tem feito com a edu-



cação cristã no Brasil. Temos consciência disso e, também, podemos ver a sua bondosa mão em outras frentes como, por exemplo, a ampliação dos polos do SEC e o aumento significativo de procura por formação em educação cristã em todos os estados do Brasil.

Com essa mudança, nós vimos o engajamento de muito educadores que outrora viam com descrédito a associação. Voltamos a sonhar com diversos projetos de expansão e estamos experimentando um movimento de serviço em amor. Cada vez mais, os educadores

estão se dispondo a colaborar em todas as frentes de atividades que estamos propondo. Deus está fazendo.

**Revista Educador:** Como está o processo deste a aprovação em janeiro na Convenção?

**Prof<sup>a</sup>. Elana** – Depois da aprovação na Convenção Batista Brasileira, que foi realizada no mês de janeiro, em Recife, PE, estamos lidando com todos os desafios burocráticos e estratégicos do início de uma organização. No dia 13 de abril finalizamos toda a parte de cartório e oficialização da mudança, inclusive, com alteração da razão

social. A etapa seguinte foi a de mudança do site, das redes sociais e do nosso sistema para a nova nomenclatura.

No mês de maio de 2023 foi contratada a nossa primeira colaboradora remunerada. A educadora Cristiane do Nascimento Silva começou como assistente da direção executiva da OECBB, marcando uma nova etapa, ainda mais profissional.

A etapa seguinte foi a de organização das seções estaduais. Para isso, foi elaborado um manual de orientação com todo o passo a passo. Quem está acompanhando de perto este proces-



so são as coordenadoras regionais, que são:

Região Norte: Chilejone Rodrigues Almeida Marinho (TO)

Nordeste: Elizângela Santos de Oliveira (PI)

Centro-Oeste: Samya Vanessa Soares de Araújo (GO)

Sudeste: Neusir Brito (ES)

Região Sul: Sandra Gusso (PR)

Nossa meta é chegar na assembleia de 2024, que será em Foz do Iguaçu, com pelo menos metade das seções do Brasil já organizadas e oficializadas.

**Revista Educador** – O que é necessário para alguém fazer parte da Ordem?

**Prof<sup>a</sup>. Elana** – De acordo com nosso novo estatuto, para fazer parte da OECBB, é necessário acessar o nosso sistema por meio do nosso site [www.oecbb.com.br](http://www.oecbb.com.br), se cadastrar com os seguintes passos:

- ✓ Preencher o formulário de pedido de filiação;

- ✓ Apresentar o diploma ou certificado de formação em Educação Cristã e documentos de identificação (RG e CPF);

- ✓ Apresentar carta de recomendação da igreja;

- ✓ Apresentar certificado de antecedentes criminais;

- ✓ Apresentar certidão negativa emitida pelo Sistema de Proteção ao Crédito (SPC/SERASA);

- ✓ Preencher documento de aceitação do código de ética;

- ✓ Passar por entrevista com a Comissão de Filiação e Acompanhamento;

- ✓ Pagamento da anuidade vigente, no ato de filiação. Hoje o valor da anuidade é de R\$ 150,00 e vence sempre no dia 30 de junho de cada ano. Entretanto, você pode se filiar em qualquer época.

**Revista Educador** – Quais são os planos para o futuro?

**Prof<sup>a</sup>. Elana** – Temos muitos sonhos. O principal deles é o fortalecimento da educação cristã batista no Brasil. Para chegar a isso, precisamos:

- ✓ Estruturar seções fortes em todos os estados e o Distrito Federal;

- ✓ Conscientizar as convenções estaduais a organizarem os seus departamentos de educa-

ção cristã, para que possamos firmar parcerias produtivas;

- ✓ Ampliar os espaços para produção de conteúdo educacional além do nosso blog, incluindo produtos on-line e off-line;

- ✓ Firmar parceria com faculdades teológicas para o oferecimento de pós-graduação em educação cristã reconhecida pelo MEC;

- ✓ Assessorar convenções estaduais e associações de igrejas em relação à capacitação do educador cristão;

- ✓ Fornecer aprimoramento para os educadores filiados;

- ✓ Criar um programa semanal para a Rádio 3.16;

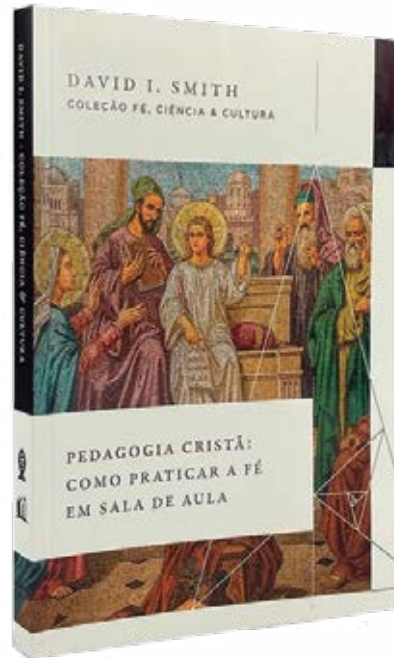
E muito mais.

São muitos sonhos e desafios que Deus tem nos impulsionado. Sabemos que a obra é dele e que ele está fazendo conforme lhe apraz. Nós somos instrumentos nas suas mãos. Se você ainda não faz parte da OECBB, junte-se a nós neste grande movimento.

Muito obrigada pela entrevista.

# Pedagogia Cristã

## Como praticar a fé em sala de aula



### INFORMAÇÕES

O legado do ensino: vida integral em movimento. O livro apresentado Pedagogia cristã: como praticar a fé em sala de aula, de David I. Smith é a tradução do original *On Christian teaching: practicing faith in the classroom*, realizada por Tiago V. Garros, publicado pela Thomas Nelson, em 2022, com 208 páginas. Smith é diretor do Instituto Kuyers de ensino e aprendizagem cristãos; atua concomitantemente como editor do *International Journal of Christianity and Education*, e leciona Educação na Calvin University, Michigan. Esta obra faz parte da Coleção Fé, Ciência & Cultura, proposta realizada pela editora Thomas Nelson ao público-leitor brasileiro, com o objetivo, segundo seus editores Cabral e Colvolan, “um rico acervo de obras que cruzam os abismos entre as

diferentes culturas e modos de saber e que, certamente, permitirá um debate informando sobre grandes temas da atualidade, examinados pela perspectiva cristã” (p. 8).

### RESUMO

No prefácio à edição brasileira, Igor Miguel traz algumas informações surpreendentes e desafiadoras sobre a associação habitual realizada entre o tema educação e a escolarização; o lugar da educação cristã e como ela se dá no âmbito da educação formal, bem como os desafios dessa temática encontrados no Brasil. Desperta um aconchegante movimento de análise, regado com uma conversa esperançosa e afirma que o livro aborda contribuições metodológicas que apoiarão uma pedagogia cristã mais intencional, tanto no conteúdo, como na forma de ensinar.

Em seu texto preliminar, Smith refere que seu foco está no que acontece no instante em que professores estão empenhando-se em auxiliar os alunos no âmago do ambiente escolar. Smith argumenta que existe um enorme potencial da fé emoldurar de forma concreta e prática o processo ensino-aprendizagem. A expressão “o sabor da sala de aula” (p. 15) transporta-nos a um momento afetivo, de intimidade, porém, de responsabilidade de se pensar o espaço educacional de forma integral.

O capítulo 1 denominado **A lacuna pedagógica**, o autor aponta as lacunas que resistem entre as declarações cristãs de missão educacional (perspectivas filosóficas), cosmovisão e a realidade diária da prática educacional (p. 18). Ao citar exemplos pessoais, observados na relação escolar do seu filho e na

sua própria atuação como professor, faz reflexões relevantes no que diz respeito ao padrão da prática pedagógica, revelando-o como apoiador da lacuna entre a intenção e o resultado (p. 26). Propõe um diálogo entre a fé e a pedagogia, conduz o leitor a embarcar na imaginação de uma pedagogia, não baseada em um conjunto de técnicas, contudo, uma analogia de um ambiente acolhedor, interativo e desenvolvidor.

O capítulo 2, intitulado **A íntegra dos nove minutos**, sugere um olhar profundo partindo do dia a dia do ensino em sala de aula como fundamento de uma fé implicada. O autor nos convida a participar dos nove minutos iniciais de uma aula ministrada pelo mesmo, repleta de detalhes, esta experiência relativamente curta, estabelece objetivos de ensino bem definidos com base na construção de uma “imaginação compartilhada que fornecerá a base para uma vida pedagógica em conjunto (p. 46).

O capítulo 3, **Padrões que importam**, faz alusão ao detalhamento da experiência dos nove minutos, com enfoque de ampliar o olhar através de uma sequência de ensino. A disposição dos subtítulos do texto oferece-nos essa ideia de passo a passo, de algo a ser completado, algo que parece fragmentado, porém, ao final, a sensação de significado gera um norte. A fé como a linha que costura, o ingrediente que dá liga.

**O movimento da alma**, anuncia o capítulo 4, o qual é envolvente e profundo. Aqui, a insatisfação com os “padrões de ensino existentes” (p. 68) é um ponto de partida.

“As maneiras pelas quais ensinamos e aprendemos [...] não são técnicas para entregar con-

teúdo curricular. São convites para habitar o mundo de maneira particular [...] se nos importarmos com o tipo de cultura em que vivemos, também nos importaremos com a forma de ministrar ensino” (Smith, 2108, p. 68).

Neste capítulo, a fé proporciona meios de desenvolver significados que comunicam aos alunos.

No capítulo 5, o autor continua questionando, assim como no capítulo 4, sua própria prática pedagógica. Declara sua crença de que “a fé cristã é capaz de desempenhar um papel gerador ao dar forma à pedagogia” (p. 87), contudo, revela que não compreende a fé como ditadora de estratégias de ensino cristão singular. A resposta a esse pensamento sugere o **Planejamento motivado**, título dado ao capítulo que promove uma análise entre o equilíbrio de um planejamento estável, porém, aberto ao inesperado.

O capítulo 6, **Ver, engajar, remodelar**, orienta de forma prática a tarefa de ensinar de forma cristã (p. 102). O autor compartilha “uma abordagem integral chamada What if learning (Aprendizado “e se...”). “E se vermos de uma maneira nova”; “E se escolhermos o engajamento” e “E se remodelarmos a prática”.

“Escolhas conscientes definem o significado da aula e ajudam os alunos a se envolverem de uma maneira que se identifiquem com a visão adotada. Mudanças específicas nas práticas de ensino sustentam a forma de engajamento desejada e a visão adotada [...] vemos resultados tanto no comportamento como na imaginação dos alunos que são coerentes com os objetivos defendidos” (Smith, 2018, p. 113).

**O trabalho da imaginação** é o título do capítulo 7, a orientação deste é mergulhar no modelo What if learning (Aprendizado “e se...”). O primeiro ponto “Ver de maneira nova”, o autor lança mão da “imaginação que nutre”. Segundo o autor: “O imaginário social como um senso não articulado de como as coisas devem funcionar [...] centrado na forma como imaginamos o mundo em decorrência da nossa participação na história e prática de determinado contexto social” (p. 128). Tal recurso encoraja o investimento de tornarmos pessoas capazes de imaginar de maneira cristã e além, sugerir maneiras novas de ver práticas de ensino e aprendizagem.

O capítulo 8, **Vida em comunidade**, particularmente fez muito sentido. Smith divide seu plano de aula, na sua disciplina de segundo idioma, o alemão, estruturalmente baseado na leitura do livro “Vida em comunidade” de Bonhoeffer, aplicando o segundo ponto da abordagem What if learning (Aprendizado “e se...”) – Escolher o engajamento. Tal planejamento convida à reflexão sobre o tipo de participação que desejamos ter por parte dos alunos, criando “um ambiente de aprendizagem material de forma que sustente o engajamento almejado” (p. 156). Segundo o autor, esta etapa aplica-se ao envolvimento voluntário dos mesmos no processo de ensino-aprendizagem.

O capítulo 9, denominado **Planejando espaço e tempo**, representa o terceiro e último momento da abordagem What if learning (Aprendizado “e se...”) – Remodelar a prática. “O desafio consiste em focar a atenção na forma como o ambiente material à nossa volta guia o aprendizado” (p. 159). O autor, novamente, narra experiências da



sua prática educacional de forma a nos transportar para a sala de aula, compreender a ideia relevante de dois aspectos: tempo e espaço, como aliados móveis que compõem a casa pedagógica e que a transcendem, que constroem sustentabilidade para determinadas histórias (p. 173). Faz-se necessário esclarecer que a forma como o autor distribuiu os três tópicos é meramente didática, com o intuito de debruçar com um pouco mais de profundidade em cada ponto, porém, a trilogia se dá de maneira simultânea (p. 177).

O penúltimo capítulo, **Pedagogia e comunidade**, aqueceu minhas ideias, gerou perspectiva, acalento. Uma afirmação que provoca inquietude “a pedagogia não é inocente”, todavia, o autor expõe exemplos de que é possível uma pedagogia flexível, que pode ser revisitada sempre que necessário, para atingir mais de um objetivo, sem abrir mão da formação, da precisão de uma aprendizagem cabal (p. 181). Uma pedagogia que não é solitária, que se perpetua no encontro com o meu papel como professor, com a figura do aluno, que se alimenta de trocas significativas com os colegas, que “coopera com o processo de tornarmos o tipo de professor em cujas práticas a graça encontra expressão” (p. 182).

O capítulo 11 e último, **O estado da pesquisa acadêmica cristã**, é dedicado a chamar a atenção do leitor ao que o autor considera uma lacuna, quando estudiosos cristãos tendem a não falar de pedagogia ao escrever sobre fé e educação. O tema academicismo cristão é abordado:

“Há uma tendência recorrente de se substituir o debate filosófico pela atenção real ao ensino [...] quando a prática

é discutida recebe “[...] recomendações de alto grau de generalidade ou abandonam as estruturas teológicas e conceituais [...] que enquadram a discussão mais filosófica quando o tópico se volta ao ensino” (Smith, 2018, p. 194).

Como essa discussão provoca efeitos no corpo docente, o autor cita uma pesquisa realizada com 2.309 professores. Podemos encontrar neste capítulo outra recomendação de um movimento que tem documentado por meio de sua literatura “uma gama de fatores que se reforçam mutuamente e que ajudaram a suprimir o envolvimento acadêmico com a área de ensino-aprendizagem” (p. 197). O livro termina conclamando colegas interessados na área de ensino, aprendizagem e formação, a despeito de suas disciplinas, a iniciar uma conversa e colaborações.

## CONCLUSÃO

De forma geral, o livro em questão trata-se de um repertório abrangente de questionamentos que possui um movimento muito interessante de introspecção e extroversão, que provoca e acolhe, que faz apontamentos e propõe soluções. Ao lê-lo, experimentei sensações de vivenciar as experiências do autor, como se estivesse ao seu lado planejando cada atividade e, ao final de cada capítulo, na seção **Para reflexão e debate**, fui impelida a escrever meu próprio capítulo. Uma leitura acessível, porém, criteriosa e habilidosa, que alcança mente e coração. Gera consciência e emoção. Outro ponto positivo do livro, foi a forma como as ideias e os exemplos foram dispostos, uma sequência bem clara e ordenada que trouxe objetividade ao tema.

Concordo quando o autor propõe uma conversa sobre fé e pedagogia que vai além do conteúdo e da cosmovisão, pois percebo a dicotomia que existe no momento de se planejar uma aula entre a ideia e a ação, como sou moldada por uma pedagogia carregada de significados que não expressam minha fé e que limitam minha atuação. Foi muito interessante pensar na autonomia e liberdade que a fé me proporciona. Apoio a construção de espaços de diálogo sobre o futuro da educação cristã com foco na prática incorporada ao bom pensar. Confesso que fui despertada a pesquisar melhor sobre essa discussão, entre a integração da fé e aprendizado, com isso, concluo que o livro alcançou seu objetivo em mim, de promover um movimento de busca, de desejo de continuar esse diálogo, de conhecer pessoas que estão pensando sobre isso.

Recomendo esta leitura a todos os professores cristãos que sonham em professar sua fé por meio de sua vocação, que deseja unir a ciência e a fé além de bases filosóficas e teológicas, mas, da prática dos ensinamentos de Jesus na vida como um todo, na forma como caminha com intencionalidade para uma formação com inteireza. Ouso recomendar este livro a educadores cristãos, a gestores de escolas confessionais, a pessoas estratégicas que possuem espaços que proporcionam diálogos, que se importam em munir seu corpo docente com conteúdo e esperança.

---

**Olga Alice Guerrero Nichio de Moraes Santos**

Psicóloga e colaboradora da Rede de Adolescentes e Mensageiras do Rei da Primeira Igreja Batista da Penha, SP.